

William alfred waddell e a missão central do Brasil¹

William alfred waddell and the central mission of Brazil

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento²
Josué dos Santos Alves³**Resumo**

Na perspectiva da História Cultural, este texto analisa a atuação William Alfred Waddell na implantação da Estação Ponte Nova, na Chapada Diamantina vinculada à Missão Central do Brasil. A pesquisa está embasada nos conceitos de associações voluntárias (Weber, 2002), método indiciário (Ginzburg, 2007) e, representação (Chartier, 1990). Instituição vinculada à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, a Missão Central do Brasil funcionou na Bahia, Sergipe, Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás durante 100 anos (1871 a 1971), organizando centenas escolas – primárias, secundárias, paroquiais, escolas de enfermagem, escolas normais – além de igrejas, hospitais, ambulatórios, seminários e orfanatos. O projeto civilizador presbiteriano para o *hinterland* brasileiro possui três eixos de ação: religião, educação e saúde. Criando instituições nas três áreas, os *mensageiros de Deus*, como ficaram conhecidos, propuseram transformá-lo numa região “civilizada”, procurando produzir um novo *modus vivendi* na sociedade em que se estabeleceram. E a educação serviu de veículo para implementar seu projeto religioso.

Palavras-chave: História Da Educação Protestante. Escolas Presbiterianas. William Alfred Waddell.

Abstract

¹ Esse texto integra o Projeto de Pesquisa coordenado pela Prof^a Dr^a Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento, intitulado Rede Brasil, Inglaterra e Portugal: circulação de impressos protestantes e outros impressos pedagógicos na Segunda Metade dos Oitocentos, fomentado pelo CNPq (Edital MCT/CNPq 02/2009; Edital Universal CNPq 14/2011 Faixa B; Edital Universal, 2015).

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq, desde o ano de 2012. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes/PPED/UNIT. Líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/GPHPE/PPED/UNIT/CNPq. E-mail: esterfraga@gmail.com.

³ Aluno Bolsista do Mestrado em Educação do PPEd da Universidade Tiradentes. Integra o Projeto de Pesquisa coordenado pela Prof^a Dr^a Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento, intitulado Rede Brasil, Inglaterra e Portugal: circulação de impressos protestantes e outros impressos pedagógicos na Segunda Metade dos Oitocentos (CNPq). Membro do do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/GPHPE/PPED/UNIT/CNPq. E-mail: josu.edf@outlook.com.

In the perspective of Cultural History, this text analyzes the performance William Alfred Waddell in deploying the station Ponte Nova, in the Chapada Diamantina linked to the Central Mission of Brazil. The research is based on the concepts of voluntary associations (Weber, 2002), indiciário method (Ginzburg, 2007), and representation (Chartier, 1990). Institution linked to the Presbyterian Church of North of the United States, the Central Mission of Brazil worked in Bahia, Sergipe, Mato Grosso, Minas Gerais and Goiás during 100 years (1871 to 1971), organizing hundreds schools - primary, secondary, parishes, schools of nursing, normal schools - as well as churches, hospitals, clinics, seminars and orphanages. The prebyterian civilizing project for the brazilian hinterland has three axes of action: religion, education and health. Creating institutions in all three areas, the messengers of God, as became known, proposed to transform it into a region "civilized", seeking to produce a new modus vivendi in the society in which they are established. And education served as a vehicle to implement your religious project.

Keywords: History Of Protestant Education; Presbyterians Schools; William Alfred Waddell.

Introdução

No período de 1871 a 1971, a Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, sediada em Nova Iorque, enviou dezenas de missionários e missionárias para as regiões Nordeste e Centro-Oeste do país. Responsável pela implantação do trabalho evangélico e educacional em vários Estados, a organização missionária já atuava no Sudeste desde 1859, estabelecendo, além de igrejas, instituições educacionais, das quais, a que mais se destaca tanto na historiografia educacional brasileira como na historiografia protestante, é o Mackenzie College, de São Paulo.

Através da Missão Brasil, como foi denominado inicialmente seu órgão de missões estrangeiras no país, a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos agiu não somente no cenário religioso brasileiro, mas, principalmente no educacional, instalando uma rede de escolas no país, moldando almas, formando gerações de pessoas propagadoras do seu modelo educacional. Pela extensão territorial, em 1896, a Missão do Brasil dividiu-se em Missão Sul do Brasil, compreendendo os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina e em Missão Central do Brasil, incluindo Bahia, Sergipe, Goiás, Mato Grosso e Norte de Minas Gerais. Pelas dificuldades de comunicação e

transporte no território baiano, as instituições organizadas nos três últimos Estados foram transferidas para a Missão Sul do Brasil. Em dezembro de 1932, foi estabelecido o novo Estatuto da Missão Central do Brasil que determinava seus limites nos Estados da Bahia e Norte de Minas Gerais, latitude 18 Sul e no Seminário Evangélico em Recife, Pernambuco. Seus membros eram todos aqueles que foram comissionados pela Junta para trabalharem nestes limites.

William A. Waddell nasceu em 5 de fevereiro de 1862 em Bethel, Estado de Nova York, onde passou sua infância e aprendeu as primeiras letras. Em outubro de 1881, aos 19 anos, fez a sua profissão de fé na Igreja Presbiteriana de Schenectady, no mesmo Estado, com o Rev. Timothy G. Darling. Ingressou no Union College, bacharelando-se em Artes e Ciências e em Engenharia Civil (1882). Foi aluno do Seminário de Princeton, onde concluiu em dois anos (1883-1885) o curso de Teologia. O Presbitério de Albany licenciou-o em abril de 1886 e, no dia 2 de abril de 1887, ele foi ordenado pelo Presbitério de Los Angeles, em San Diego. Seu primeiro pastorado foi na Igreja de San Pedro, na Califórnia.

Interessado na obra missionária, Waddell deixou o seu país em 20 de agosto de 1890 e chegou ao Brasil no dia 19 de setembro, a bordo do navio Aliança, na companhia de cinco outros obreiros: um casal metodista que vinha para Piracicaba, o Rev. Wilmot Albert Carrington e sua esposa Clara Emory, e a professora Carrie M. Cunningham, que iria trabalhar com o Rev. DeLacey Wardlaw, no Ceará. Estudou português em Campanha, Minas Gerais, possivelmente com o Rev. Benedito Ferraz de Campos. Seu primeiro campo de trabalho foi São Paulo, onde assumiu a classe teológica antes confiada ao Rev. Donald C. McLaren e foi um dos fundadores do Ginásio Mackenzie e do Mackenzie College. Supervisionou a construção do primeiro edifício do College, inaugurado em 1895. No ano seguinte, a convite do Dr. Horace Maney Lane, organizou e instalou a primeira Escola de Engenharia do Brasil, da qual foi o primeiro diretor.

No ano em que chegou ao Brasil, Waddell havia se casado com Mary Elizabeth Lenington, filha do Rev. Robert Lenington, que veio a falecer em 2 de

novembro de 1893 quando teve o primeiro filho, que também morreu. Alguns anos depois, Waddell foi trabalhar na Bahia, onde substituiu o Rev. John Benjamin Kolb. Desde 1894, ali se encontrava a serviço da Missão, lecionando na escola fundada pelo Rev. Kolb, Laura Annesley Chamberlain, a filha mais velha do Rev. George W. Chamberlain. Waddell e Laura casaram-se no dia 12 de janeiro de 1897, em Feira de Santana. Depois de algum tempo em São Paulo, o casal fixou-se em Salvador em 1899. Como pastor da igreja da capital (1900-1904), Waddell construiu o templo (1902) e deixou a igreja capacitada para chamar um pastor nacional. Depois, foram residir em Cachoeira, onde Laura lecionou na escola de meninas, trabalhando também em São Félix e Feira de Santana (<https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-william-alfred-waddell-missionario-em-sao-paulo-e-na-bahia/>).

A missão central do Brasil

A missão dos *mensageiros de Deus*, como eles se autodenominavam, era trazer a civilização a uma terra inóspita, árida, vazia, transformando as feições da região. Para os missionários, as dificuldades geográficas, climáticas e econômicas, as distinções sociais e culturais que existiam possibilitariam efetivar seu projeto civilizador para os trópicos brasileiros. Civilizar significava, para eles, oferecer àquela população a salvação do espírito, através dos seus preceitos religiosos, e do corpo, pela suas instituições nas áreas educacional e médica. Desse modo, a intervenção dos norte-americanos foi se estendendo a tudo o que se relacionava ao ordenamento urbano e ao bom funcionamento de um grupo social.

A preocupação com o aspecto educacional brasileiro estava presente no interior da produção discursiva daquela organização religiosa. Um relatório escrito em 1913, por Horace M. Lane, superintendente no Brasil do trabalho educacional da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, reflete a imagem que o grupo religioso procurava construir sobre si e sobre o Brasil. Afirmava que, dentre os estrangeiros presentes no país, os norte-americanos “possuíam a sabedoria e a competência técnica” para guiá-lo “rumo ao seu

amanhã radioso, plasmado no campo político em um sistema de governo republicano e democrático e, no setor econômico-social, na industrialização”. E para que isso ocorresse, era necessário “ocupar os espaços vazios do imenso Brasil, cortá-lo com estradas de ferro em todos os sentidos para levar a todos os seus recantos a modernidade”. Além do que, o Brasil necessitava romper “os laços que o mantinha preso às tradições e costumes de seu antigo dominador português”, pois, “quaisquer marcas dessa civilização lembravam o passado de colônia que devia ser definitivamente esquecido porque era sinônimo de atraso cultural, político e econômico”. Deveria, também, evitar a mistura de “raças inferiores’ como o indígena e a africana” que conturbavam “a harmonia social”. Para Lane, o Brasil era “um país que **merecia** e precisava ser tutelado cultural e educacionalmente por uma civilização superior, como era a norte-americana” (LAGUNA, 1999, p. 176).

A idéia construída por William Alfred Waddell sobre a educação no Brasil⁴ era a de que desde o início de sua colonização, o país recebera padres de várias ordens, principalmente os jesuítas, que se interessaram pela educação, mas eles não possuíam idéias modernas em seus estabelecimentos. Afirmava que nenhuma instituição educacional fora criada durante os três primeiros séculos na história brasileira, exceto as cadeiras que existiam dentro dos seminários teológicos diocesanos. Segundo William Alfred Waddell, durante o século XVIII, “o rápido desenvolvimento de uma aristocracia intelectual, a junção de uma incrível classe servil e a impossibilidade de alguém alcançar sozinho uma boa educação”, distribuía a população em três classes: uma vasta massa de analfabetos de inteligência diversificada; um pequeníssimo grupo altamente letrado; e uma larga, mas silenciosamente pequena de semianalfabetos, com uma considerável inteligência natural”. Existia no país “um fermento intelectual, mas nenhum crescimento institucional”. Até 1808, com a chegada da família real portuguesa, “o Brasil não possuía um sistema escolar” mas, a

⁴ O relatório produzido pela Missão Protestante Presbiteriana sobre o Brasil e o Chile foi apresentado no Congresso de Trabalho Cristão na América do Sul, realizado em 29 de março de 1925, em Montevideu. Nele, William Alfred Waddell escreveu sobre a educação no Brasil e a história das Missões no país (WHEELER, 1926, p. 334-360).

abertura dos portos trouxera “uma nova vida e desenvolvimento para o país”. Reafirmava que o quadro mudaria com a ação das missões norte-americanas na área educacional, mantendo “escolas eficientes que ganharam o respeito do povo” (WHELLER, 1926, p. 334-360).

Para corroborar as ações implementadas pelo seu grupo religioso, William Alfred Waddell, um de seus mais importantes representantes, apaga da memória todo o vigoroso debate educacional que se instalou no Brasil durante a segunda metade do século XIX e persistiu, atravessando as primeiras décadas do século XX. Um debate que reunia políticos, médicos, juristas, clérigos, militares e professores, dentre outros, buscando apoiar-se em preceitos cientificistas.

Tratava-se, antes de tudo, de uma verdadeira cruzada civilizatória a que se atiravam os eugenistas, estes arautos dos tempos modernos. Na sua missão, ocuparam todos os espaços possíveis: as academias médicas, as sociedades filantrópicas, as casas legislativas, as escolas, as delegacias de polícia, os tribunais de justiça, estabelecendo uma verdadeira rede de solidariedade entre discursos, instituições e personagens, entre estes e o médico, o pedagogo, o jurista, os agentes do controle social repressivo, a dona de casa, o pai preocupado com o destino da prole (MARQUES, 1994, p. 15).

Mas, por que a escolha do interior brasileiro? Como surgira a idéia de se estabelecer na região? Como instalar no *hinterland* uma infra-estrutura que subsidiasse seu projeto missionário? Como viabilizá-lo? Para William Alfred Waddell, a educação era um elemento indispensável no projeto civilizador presbiteriano. A exigência da preparação dos seus quadros para dirigirem suas instituições tornava essencial a organização de uma escola secundária que formasse seus quadros, produzindo moral e intelectualmente uma população de fiéis difundindo os valores éticos e morais presbiterianos.

Inspirado em algumas iniciativas tomadas por outros missionários norte-americanos, no início do século XX, William Alfred Waddell propôs à Junta de Missões da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos uma instituição educacional rural, mais compatível à realidade do *hinterland* brasileiro e às necessidades da Missão Central do Brasil. Em 1871, George Nash Morton e

Edward Lane, pastores da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, organizaram em Campinas o Colégio Internacional, de preparatórios “segundo os princípios da liberdade de consciência e de culto e da metodologia norte-americana”, a pedido de Rangel Pestana. Dentre as disciplinas oferecidas constavam “química analítica, industrial e agrícola, (...)”. Dessa maneira, “as classes agrícolas e comerciais encontrariam oportunidades de aprender a substituir a rotina, a força numérica, e a agiotagem, pelo arado, pelo cultivador, pela economia e a honradez” (HILSDORF, 1986, p. 191, 192).

Pela epidemia de febre amarela que se alastrara em Campinas, no final de 1892, o colégio foi transferido para Lavras, interior de Minas Gerais, abrindo suas portas no dia 1º de fevereiro do ano seguinte, sob a direção do missionário presbiteriano norte-americano Samuel Rhea Gammon, vinculado à Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Sua decisão fora influenciada pelas considerações feitas pelo seu colega, o missionário Boyle, que defendia a implementação de trabalhos educacionais e evangelísticos no *hinterland* brasileiro, deixando as cidades maiores sob a responsabilidade dos brasileiros, enquanto que os missionários iriam para o *hinterland*. A preocupação de Samuel Rhea Gammon em integrar o aluno ao meio ambiente, era visível na construção dos prédios escolares. A escola construída por ele, “sob os moldes das mais cuidadas condições higiênicas e pedagógicas”, era circundada por “vastos terrenos arborizados” onde os alunos realizavam “recreios salutareos para o desenvolvimento físico tão necessário a quem se dedica ao desenvolvimento intelectual” (O PURITANO, Ano XIII, nº 628, Rio de Janeiro, 28/12/1911, p. 3).

Logo após sua chegada ao Brasil, em 1890, William Alfred Waddell conheceu o reverendo Samuel Rhea Gammon, estabelecendo-se entre eles uma amizade expressa nos entendimentos e nas consultas sobre seus respectivos planos. Samuel Rhea Gammon, além de educador era evangelista e muitas vezes fazia viagens exploratórias no interior de Minas Gerais, procurando locais estratégicos para fundar novos pontos evangelísticos. Numa dessas missões, em 1893, foi acompanhado por William Alfred Waddell, viajando a cavalo e pela

Estrada de Ferro Oeste de Minas. Aquelas excursões provavelmente produziram impressões positivas em William Alfred Waddell na possibilidade de organizar outros pontos de trabalho no *hinterland* brasileiro.

Outra iniciativa educacional foi implementada pelo Reverendo João Fernandes Dagama, em nove de janeiro de 1877, na cidade paulista de Rio Claro, abrindo um Internato para Crianças Pobres e Órfãos. O objetivo daquela instituição era que as crianças passassem três anos num regime rigoroso de estudo, trabalho e instrução religiosa e depois voltassem às suas famílias e comunidades como pequenos evangelistas.

Já John Beatty Howell, missionário da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, na década de 1880 idealizara e concretizara um novo tipo de escola formadora de pastores, na cidade paulista de Jaú:

adquiriu uma propriedade a poucos quilômetros dessa vila, na localidade denominada Ortigal ou Capim Fino, onde criou, em 1887, um instituto bíblico ou colégio agrícola. Devido à escassez de pastores, esse novo tipo de escola visava preparar jovens para trabalharem como catequistas ou pregadores em suas igrejas locais e incluía treinamento profissional em agricultura. Começou com doze rapazes, que pagavam seus estudos com trabalho agrícola (MATOS, 2004, p. 84).

Os missionários vinham de um país no qual até o início do século XIX, 85% de sua população era rural, com uma economia fortemente agrícola. As poucas cidades que havia, localizavam-se na costa Leste, e o Oeste ainda era pouco habitado. Pela sólida formação religiosa de sua sociedade, grande parte dos seus *colleges* estava voltada para a formação dos seus dirigentes religiosos enquanto que outros ofereciam o conhecimento clássico aos jovens *gentlemen*. Os que queriam uma educação mais erudita procuravam, principalmente, as universidades alemãs. Somente em 1825, com a criação da Universidade de Harvard surgiu a moderna universidade norte-americana.

Será que o modelo de instituição educacional proposto e implementado por William Alfred Waddell para o *hinterland* brasileiro se aproximava do tipo de instituição organizado por John Beatty Howell, em Jaú? O relatório enviado, em 1919, para a Junta de Nova Iorque informava que o experimento realizado

desde a compra da fazenda Ponte Nova, em 1906, na cidade de Wagner, era a “demonstração de uma escola-fazenda americana nas condições da agricultura brasileira”. Sobre o modelo educacional adotado informava, apenas, que oferecia, além do primário e o secundário, cursos complementares voltados para o trabalho e estava sendo utilizado em outras áreas jurisdicionadas pela Missão Central do Brasil.

Apesar dos documentos confessionais não explicitarem a decisão da Missão em se estabelecer no interior do Brasil, a partir da Bahia, e construírem uma imagem negativa sobre o *hinterland* brasileiro, os indícios apontam que seus missionários tentaram inicialmente se instalar nas cidades mais desenvolvidas economicamente da época na região. O que teria acontecido em Salvador que não permitira o estabelecimento de uma instituição secundária na capital baiana? Desde 1894, fora fundada uma escola paroquial mas, somente em 1931, iniciou o curso ginasial reconhecido pelo governo baiano que, oito anos depois, foi denominado Instituto Dois de Julho. Por que os missionários não compraram uma área na região do rio Paraguassu, já que tinham escola em São Félix desde 1899? As cidades de Cachoeira e São Félix encontravam-se em decadência ou a reação da igreja católica local teria provocado sua saída?

Galvão (1993, p. 48) assinalou que, apesar da cidade de São Félix ter uma estação de trem e ficar às margens do rio Paraguassu, a causa da saída fora a falta de um manancial de água no local. No entanto, verificando as tentativas que William Alfred Waddell fizera de instalação da estação missionária, é possível afirmar que ele levou em conta não somente um local com recursos hídricos, mas, também, uma cidade desenvolvida economicamente.

Após a decisão de se retirar de São Félix, inicialmente, William Alfred Waddell tentou se estabelecer em Feira de Santana, uma comunidade promissora, considerada o centro de irradiação da “civilização do gado”, pois no período de 1896 a 1899, a Missão sustentara na cidade uma Escola Americana com um internato feminino, sob a direção de George Whitehill Chamberlain e Mary Ann Annesley Chamberlain. Entretanto, as lideranças religiosas e

políticas locais recusaram seu projeto, por não considerarem o protestantismo uma religião cristã. Ele, então, avançou mais para o sertão, seguindo para Itaberaba, onde também foi rejeitado por lideranças políticas e católicas. Foi para Lençóis, conhecida na época como a cidade dos diamantes, cuja fama repercutia em Londres, Paris e Amsterdã. Como a recusa se repetiu, ele seguiu para a cidade de Morro do Chapéu.

O projeto estação missionária do tipo “ponte nova”

Na procura por uma área para instalar a estação missionária presbiteriana, William Alfred Waddell observou uma fazenda cortada pelo rio Utinga, a fazenda Ponte Nova, distante 60 quilômetros de Lençóis. Em 1905, estabeleceu-se naquela área e, em 1906, a fazenda, de propriedade de Luiz Guimarães e Souza, tenente-coronel da Guarda Nacional, foi comprada pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos por 24:000\$000 (vinte e quatro contos de réis), incluindo as taxas de transferência. Possuía 1.670 hectares, com área cultivável de 219 hectares. A fazenda tornar-se-ia a estação missionária mais importante da Missão Central do Brasil. Mas, por que investir num local de solo tão pobre, já que a pretensão era o estabelecimento de uma escola-fazenda?

Anos depois, Merle Davis, secretário da Junta de Nova Iorque, apresentaria em seu relatório os argumentos por que o novo local fora escolhido por William Alfred Waddell “por causa do suporte perene de água” e, apesar de ficar próximo às lavras diamantinas, situava-se “no centro de uma área subdesenvolvida do ‘hinterland’ da Bahia” (DAVIS, 1943, p. 53). A primeira justificativa tem fundamento, pois Waddell, como engenheiro civil, sabia da importância de um manancial numa região tão inóspita. No entanto, a segunda não explicitava a real decisão na “escolha” do espaço pois, como já foi dito anteriormente, o missionário tentara algumas vezes instalar-se nos locais mais desenvolvidos da Chapada Diamantina, sem sucesso.

O projeto inicial de organizar uma escola-fazenda foi redimensionado, transformando-se num projeto de estação missionária, base para outras

experiências, que englobaria não somente sua ação na religião e na educação, mas também na saúde. As atas possibilitam inferir que a região geográfica da Chapada era propícia aos planos da Missão Central do Brasil por algumas razões. Além de estar no centro de uma região que ainda não estava ocupada pelo protestantismo, era uma região de ótima salubridade e fértil que, apesar das secas que se abatiam na região, possibilitava obter uma boa produtividade através do uso de técnicas agrícolas. Os missionários ficavam surpresos com a quantidade de doenças, com a falta de higiene e com o fato de não haver médicos na imensa região, proliferando a febre amarela e a doença de Chagas. Porém, o que mais os deixava admirados era como em terras tão férteis eram usados recursos tão atrasados de agricultura.

Um ano após o início da implementação da proposta, a Junta de Nova Iorque solicitou à Missão a estimativa da força financeira e humana necessária para efetuar com sucesso o experimento e organizar outros. Esta apresentou a necessidade de mais 18 missionários norte-americanos, incluindo suas respectivas esposas, e U\$ 35,000 (trinta e cinco mil dólares) para a compra de terras e equipamentos para estabelecer escolas-fazenda na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, no Nordeste da Bahia e outra no Norte de Minas Gerais. Em 1912, o missionário Franklin T. Graham foi enviado para Goiás. Seu relatório de verificação apontava a falta de escolas e igrejas evangélicas em Goiás, levando a Missão a designá-lo para trabalhar no Planalto Central no ano seguinte.

A prática da Missão Central do Brasil era seguir um percurso que já fora percorrido por colportores, enviando um missionário para investigar o provável território de instalação o qual produzia um relatório de verificação, apontando as características geográfica, climática, populacional, religiosa, educacional e cultural da área a ser ocupada.

Até abril de 1914, período em que permaneceu na Bahia, William Alfred Waddell desenvolveu um amplo trabalho de evangelização e educação, supervisionando as escolas primárias que criava, enquanto Laura A. Chamberlain Waddell administrava interinamente o Instituto Ponte Nova,

escola central da organização. Seu sucessor, Cassius E. Bixler, sistematizou, ampliou e solidificou o projeto experimental inicial para o *hinterland* brasileiro. Após assumir, solicitou à Junta de Nova Iorque a organização de um departamento de agricultura no Instituto Ponte Nova e a presença de um engenheiro agrônomo, que desse o suporte necessário para a viabilização do projeto escola-fazenda. Somente em 1921, a Missão Central do Brasil recebeu o primeiro engenheiro agrônomo, Samuel Irvine Graham.

Para os missionários presbiterianos norte-americanos e alguns dirigentes da igreja presbiteriana brasileira, o *hinterland* era uma região muito importante para o futuro desenvolvimento da evangelização protestante no Brasil, e a estação missionária de Ponte Nova constituía-se num “interessante experimento” (BRAGA E GRUBB, 1932, p. 102, 104). A Bahia era descrita pelos missionários aos seus pares como uma terra “fantástica com sua cadeia montanhosa e seus belos portos”. A cidade de Salvador, “uma das mais antigas do Brasil”, fora a “primeira capital do país e o centro do tráfico de escravos e do poder da Igreja Romana”. Apesar de tantas belezas naturais possuía aproximadamente “300.000 descendentes de povos africanos, sendo 70% analfabetos, mais de 50% de crianças ilegítimas, e com uma grande parte da população malê contaminada com doenças venéreas”. Segundo seu relator, aquela realidade era o “retrato da fortaleza da Igreja Católica Romana, que por quatro séculos não tem sido a transparência e a luz que a igreja deveria possuir”. Para reforçar aquela situação encontrada, tão promissora ao evangelho, Wheeler incluiu em seu relatório o depoimento de um baiano que afirmava “odiar a Igreja Católica Romana por causa da superstição e do caráter dos padres, além do que a vida das pessoas e da Igreja clama pela responsabilidade moral dos seus habitantes”, representando a insatisfação que parte da população local sentia com o catolicismo. Portanto, se a “Bahia e o Brasil Central” necessitavam “da redenção e do poder purificador de Cristo”, aquela missão seria realizada pelos norte-americanos por possuírem “este presente que somente a Igreja de Cristo pode dar” (WHEELER, 1926, p. 164).

Os relatórios também apresentavam os missionários como homens destemidos, desbravadores, corajosos, que não mediam esforços para salvar o corpo e a alma de um povo necessitado. Reportando-se à família Waddell, Wheeler registrou que a Missão Central do Brasil devia muito ao trabalho inicial e à “coragem de uma única família no interior da Bahia no planejamento e execução de um projeto pioneiro para o Brasil tropical” Segundo o relator, “de toda a parte do Estado da Bahia, a singular combinação do serviço educacional, agrícola, evangelístico e médico, foi conhecido e estimado”. Os efeitos “daquele serviço na assistência ao sofrimento humano, na difusão da verdade e luz, na redenção dos espíritos oprimidos pelo mal” podiam ser verificados através do “número de vidas que foram alcançadas e influenciadas”, apesar da matemática ser “um instrumento pobre para medir as questões do espírito”. Continuavam reafirmando que, com a coragem consagrada e “o senso comum, com a bênção de Deus”, fora construído na estação missionária de Ponte Nova “um trabalho que mudou a sorte da cidade e a luz não ficou escondida” (WHEELER, 1926, p. 299-302).

No interior da Chapada Diamantina, sob os auspícios da Missão Central do Brasil, a estação missionária planejada e fundada por William Alfred Waddell pretendia dominar e civilizar seu entorno, evangelizando e educando, salvando o corpo, a mente e o espírito de moradores da região. Para William A Waddell, o complexo seria uma fronteira civilizadora no “Brasil tropical”, compondo seu anel de poder através dos missionários que também eram administradores, educadores, engenheiros, médicos e enfermeiras. A partir de sua fazenda, foram surgindo outras fazendas, dando origem a um núcleo populacional que ficou conhecido por Cachoeirinha, às margens do rio Utinga, embrião do futuro município. Posteriormente, seus moradores fizeram um requerimento à Câmara Municipal de Morro do Chapéu solicitando a mudança de Cachoeirinha para Wagner, o qual foi atendido, em 8 de abril de 1891 (BAHIA, 1995).

Dando visibilidade ao seu projeto civilizador, durante 40 anos a Missão Central do Brasil investiu na construção de edifícios para suas instituições –

escola, igreja e hospital. Apesar da decadência atual da cidade, ainda hoje é possível verificar a monumentalidade destas construções, tendo em vista o cenário local. A primeira construção realizada por William Alfred Waddell, provavelmente no ano de 1907, foi a Igreja Presbiteriana de Wagner, chamada inicialmente de Igreja Christã Presbyteriana de Ponte Nova. O terreno escolhido para construir a igreja ficava na margem esquerda do rio Utinga, numa área alta e salubre da fazenda.

Considerações finais

Apesar dos esforços empreendidos pela Missão Central do Brasil na estação missionária de Planaltina, em Goiás, provavelmente pelos problemas de insalubridade presentes na estação missionária de Ponte Nova, em 1925, tanto o trabalho como o missionário Franklin T. Graham, foram transferidos para a Missão Sul do Brasil, vinculada também à Junta de Nova Iorque.

A Missão continuava investindo seus esforços em recrutar médicos para trabalharem na área sob sua jurisdição, como foi o caso do Dr. J. B. Downing, médico missionário batista que iniciou seu trabalho em 1926, vindo a falecer três anos depois. Em 1927, o Dr. Kenneth Chamberlain Waddell, juntamente com Grace E. Moldenhawer Waddell, sua esposa, foram incorporados no quadro da Missão para trabalhar no Grace Memorial Hospital.

Para aquela organização religiosa, ainda na década de 1930, o Brasil rural se encontrava numa “era de derrubar árvores, fazer queimadas, de desbravar o sertão”. As grandes propriedades e o tipo de trabalho eram características do interior brasileiro e a ação dos norte-americanos era “principalmente com analfabetos e pessoas com uma economia de subsistência marginal”. Durante aquela década, Richard Lord Waddell trabalhou no vale do rio São Francisco. Na pequena cidade de Santa Maria da Vitória, ele dirigia uma pequena congregação e Margareth Grotthouse Waddell, sua esposa, a escola paroquial. Também era responsável pelo evangelismo de uma grande área, do tamanho da Califórnia, viajando de canoa e mula.

Anos depois, foi realizado outro relatório com o objetivo de averiguar as bases econômicas e sociais da igreja evangélica brasileira, trazendo um rico depoimento sobre o *hinterland* brasileiro e o trabalho implementado pelos missionários presbiterianos norte-americanos naquela área. O estudo concluiu que o problema econômico e social central do Brasil era o ajustamento entre o povo e as instituições locais. A igreja protestante rural também refletia os problemas que acometiam o governo brasileiro na conquista de um vasto território: imensas distâncias, transportes primitivos, escassez da população, inadequação administrativa e o baixo poder econômico da população. Afirmava ainda que o contraste entre as “brilhantes e modernas cidades da costa e os lugares isolados do Mato Grosso e Amazonas” refletiam o que ocorria “entre as grandes igrejas evangélicas de São Paulo e Rio de Janeiro e as pequenas capelas dos vales dos rios Tocantins e São Francisco” (DAVIS, 1943, p. 53).

Com todas as dificuldades enfrentadas, a Missão Central do Brasil não desistira do projeto de instalar outras escolas do tipo “Ponte Nova”. No entanto, o relatório do ano de 1928 demonstrava que sua visão sobre o *hinterland* brasileiro tinha sido redimensionada, demonstrando um maior amadurecimento quanto às possibilidades de trabalho na região. A nova proposta educacional e médica para os anos seguintes definia que as escolas “Ponte Nova” teriam o objetivo de preparar pessoas jovens para o serviço voluntário de suas igrejas e professores para suas escolas paroquiais, localizadas geralmente onde possuíssem congregações. A localização das escolas seria definida pela densidade populacional protestante, condições higiênicas, água potável, fertilidade do solo, facilidade de transporte e do acesso aos materiais de construção, além de condições políticas favoráveis. Quanto ao tamanho e natureza do corpo estudantil, seria majoritariamente crianças evangélicas ou filhas de evangélicos, e o número de internos não deveria ultrapassar os cem. Até quando fosse possível, o trabalho educacional seria mantido pela Missão e posteriormente, seria transferido para as agências governamentais. Já o trabalho médico desenvolvido em Wagner seria totalmente missionário e deveria ser utilizado como base para preparar os

missionários médicos e doutores brasileiros para suas futuras estações missionárias.

Como resultado do projeto, até 1959, as missões presbiterianas norte-americanas vinculadas à Junta de Nova Iorque e ao Comitê de Nashville organizaram escolas, hospitais e escolas de enfermagens, além das igrejas no *hinterland* brasileiro. A partir do modelo de estação missionária Ponte Nova, foi possível localizar algumas delas, sem, portanto, situar todas cronologicamente.

Na cidade de Buriti, Estado do Mato Grosso (Chapada dos Guimarães), foi comprada uma fazenda, e instalado em 1924, o Colégio Evangélico de Buriti, oferecendo os cursos primário e ginásial, além de outros cursos vocacionais, como Agricultura, Economia Doméstica, Artes Manuais e Industriais.

Em Veadeiros, cidade goiana da Chapada dos Veadeiros, foi organizado o Instituto Cristão Veadeirense. Fundada em 1926, pela missionária educadora Jean Porter Graham, a Escola Evangélica Planaltinense funcionou até o ano de 1948. No sul do Estado, foi fundado o Instituto Samuel Graham, em Jataí. Em Rio Verde, o Dr. Donald Gordon organizou um hospital e uma escola de enfermagem.

As atas da Missão Central do Brasil ainda falam de um hospital em Araguaia, Mato Grosso, e de um hospital e escola em Anápolis, Goiás, estes dois últimos construídos pelo Dr. James Fanstone. Durante sua permanência na região, a Missão Central do Brasil dispôs de fazendas, gado, água potável, energia elétrica, tipografia, telefone, avião, veículos e serraria, na qual eram feitos os móveis de suas instituições. Em Bom Jesus da Lapa havia uma fazenda com clínica, templo e escola primária, à margem do rio São Francisco, com barco motorizado. Desde a década de 1940, o avião Arauto do Evangelho ligava Wagner, Sítio do Mato, Santa Maria da Vitória, Cocos (Sudoeste da Bahia), Carinhanha, próxima a Minas Gerais, e vários outros pontos, geralmente transportando os alunos internos e os missionários.

Fontes

- AGRESTE PRESBITERIANO. Disponível em <https://agrestepresbiteriano.com.br/a-vida-do-rev-william-alfred-waddell-missionario-em-sao-paulo-e-na-bahia/>. Acessado em 30 de novembro de 2019.
- BAHIA. *Projeto Wagner*. Câmara de Comércio Americana-BA/Governo do Brasil. Wagner: Arquivo do Instituto Ponte Nova, 1995.
- BRAGA, Erasmo e GRUBB, Kenneth G. *The Republic of Brazil*. A survey of the religious situation. Great Britain: The Shenval Press LTD, 1932.
- CENTRAL BRAZIL MISSION. *Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission, 1897-1912*. Vitória: Arquivo particular de James Wright, 1912.
- CENTRAL BRAZIL MISSION. *Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission, 1904-1938*. Vitória: Arquivo particular de James Wright, 1938.
- DAVIS, Merle. *How the church grows in Brasil: a study of the economic and social basis of the evangelical church in Brazil*. Concord: The Rumford Press, 1943.
- O Puritano, 1907-1911*. São Paulo: Arquivo Histórico Presbiteriano, 1911.

Bibliografia

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FIGUEIREDO, Eneida. *As escolas paroquiais protestantes em Brotas no final do século XIX*. Araraquara: FLC-UNESP. Dissertação de Mestrado em Educação, 2001.
- GALVÃO, Sancha. *Saudosas memórias – memórias da vida de uma professora evangélica no sertão*. Rio de Janeiro: Editora e Livraria Swedenborg Ltda, 1993.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e o rastro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1986.
- LAGUNA, Shirley P. *Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)*. Internato de meninas: uma leitura de seu cotidiano e da instrução e educação feminina aí ministradas. São Paulo: PUC. Dissertação de Mestrado, 1999.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização das raças. Médicos, educadores e o discurso eugênico*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. A teoria sobre associações voluntárias como matriz interpretativa das instituições escolares protestantes. In: Libânia Xavier; Elomar Tambara e Antoni Carlos Ferreira Pinheiro. (Org.). *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Espírito Santo: EDUFES, 2011, v. 5, p. 355-377.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *Educar, curar, salvar. Uma ilha de civilização no Brasil tropical*. Maceió: EDUFAL; Aracaju: UNIT, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)*. São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

WHELLER, Reginald. *Modern missions in Chile and Brazil*. Philadelphia: The Westminster Press, 1926.